

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

Daniel Sotelo¹

O livro de Paulo Freire que faz uma abordagem sobre e “importância do ato de ler”, mostra que a sua importância da tarefa da recuperação da humanidade do oprimido, quer onde se esteja. Sua causa é a dignidade da pessoa humana, que na opressão ou na libertação, atinge uma dimensão de universalidade. Na apresentação deste trabalho, Paulo Freire nos insere em um verdadeiro “círculo de cultura”, onde nos sentimos participando, enquanto sujeitos, de uma experiência real. Aprender a ler, escrever, alfabetizar-se é antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mais numa relação dinâmica que vincula a linguagem e realidade.

A constante busca pelo livro se dá por ver como a temática da leitura (texto e contexto). Os Brasileiros estudam e debate a questão que o título está ligado, a alfabetização. Paulo Freire, percebendo o interesse em torno da temática, vem, preponderantemente, buscando abarcá-la e entendê-la não somente, de ponto de vista científico e estético, mais também, do ponto de vista estético e político. Em uma sociedade que exclui dois terços de sua população, a questão da leitura e escrita é altamente considerável esse debate. Esse livro é a prova que traz presença viva, que anima, desafia e aquece a vontade de vida do autor, sua paixão por continuar dizendo coisas e “pronunciando o mundo”.

A importância do ato de ler é na compreensão crítica deste ato, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

O ato de ler, na experiência existencial, vem primeiramente como a “leitura” do mundo, depois, a leitura da palavra. O primeiro mundo se dá na infância, e é o mundo das atividades perspectivas, das primeiras leituras. Os textos, as palavras, as letras daquele contexto, em cuja percepção é experimentada e, quanto mais o faz, mais aumenta a capacidade de

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (1975), graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1976), Mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia Na. Sra. da Assunção. (1996) e Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2010). Atualmente é professor titular da Faculdade de Inhumas.

perceber. Aumenta com as relações entre os irmãos mais velhos e pais. Do contexto do mundo imediato, faz parte também, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as crenças, gostos, gestos, receios e valores. Tudo isso contextos mais amplos do que o mundo imediato possa compreender, vividas em momentos em que ainda não se lê a palavra.

Na medida em que se torna íntimo com o mundo particular de cada um, fica mais fácil a percepção e a compreensão da leitura que dele se faz. Paulatinamente, somos introduzidos na leitura da palavra, a decifração da palavra flui naturalmente da leitura do mundo particular. A leitura da palavra não significa uma ruptura do mundo (palavra-mundo). Na época da adolescência, a compreensão crítica da importância do ato de ler é constituída através de sua prática. O autor explica, em sua experiência pessoal, que essa percepção crítica dos textos lidos em classe, não eram momentos puros de exercícios, como tabletes de conhecimentos que devessem ser engolidos pelos estudantes, tudo isso, pelo contrário, era proposto. À curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva. Os educandos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mais aprender a sua significação profunda.

A insistência na quantidade de leituras sem o devido o adentramento nos textos a serem compreendidos e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. A quantidade de páginas lidas ainda supera a qualidade da leitura. Contudo, é importante também lembrar, que não podemos tirar a importância da necessidade que temos educadores e educandos, de ler, sempre e seriamente, os clássicos neste ou naquele campo em especial. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele o momento de sua tarefa criadora. Lembrando que sempre a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mais certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”. Esse movimento dinâmico é um dos aspectos centrais no processo de alfabetização.

A alfabetização de adultos e as bibliotecas populares é um capítulo deste livrinho muito interessante. Ao falar de alfabetização de adultos e de bibliotecas populares é falar, entre muitos do problema da leitura e da escrita. A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca. O mito da neutralidade na educação leva à negação da natureza política do processo educativo e toma-lo como um fazer puro, em que nos engajamos a serviço da humanidade entendida como uma abstração, e este são o ponto de partida para compreender as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática astuta e outras críticas.

Não é possível pensar, sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder. O fato do educador não ser um agente neutro, não significa, que deve ser manipulador. A opção realmente libertadora nem se realiza através de uma prática manipuladora, nem tampouco por meio de uma prática espontaneísta. O espontaneísmo é licencioso, por isso, irresponsável. O que deve ser feito pelos educadores é aclarar, assumindo a opção política e ser coerente a ela, na prática. Sabendo que o não é o discurso que ajuíza a prática, mais prática que ajuíza o discurso.

Os educadores precisam saber ouvir os alunos, escutá-los correspondente ao direito de falar. Não é aceitável de forma alguma impor a compreensão em nome da libertação, e é como aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade. É necessário que assumam a ingenuidade dos educandos. A educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais. O analfabeto, porque não a tem, e é um “homem perdido”, cego, quase fora da realidade. É preciso, pois, salvá-lo e sua salvação está em passividade receber a palavra. Do ponto de vista crítico e democrático, o alfabetizando e não o analfabeto, e se insere num processo criador de que ele é também sujeito.

Importante é mencionar a diferença entre o ingênuo não malicioso e o ingênuo astuto ou tático. É que, na medida mesma em que a ingenuidade daquele não é maliciosa. Ele pode, aprendendo diretamente de sua prática, perceber a inoperância de sua ação e, assim, renunciando à ingenuidade, mas rejeitando a astúcia ou a malícia, assumir uma nova posição. Agora, já não é possível um texto sem o seu contexto.

Em áreas cuja cultura tem memória preponderante oral e não há nenhum projeto de transformação infra-estrutural em andamento, o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centralizada nesta linha. Um excelente trabalho numa área popular, e poder ser desenvolvido por bibliotecárias, documentalistas, educadores, seria, por exemplo, o levantamento da história da área através de entrevistas gravadas. Dentro de algum tempo, teriam um acervo de histórias.

Com esse material todo, poderiam ser feitos folhetos, com respeito total à linguagem – a sintaxe, a semântica, a prosódia – dos entrevistados. Na medida em que as pesquisas como esta pudessem ser feitas em diferentes áreas da região, todos os materiais escritos e gravados poderiam ser intercambiados. O Brasil foi “inventado” de cima para baixo. Precisamos reinventá-lo em outros termos.

O povo diz a sua palavra é a parte importante da prática da educação. Antes de entrar nesta discussão de alguns pontos centrais que marcam a

experiência de alfabetização de alunos em São Tomé e Príncipe, seria importante fazer algumas considerações em torno de como o valor vem atendendo e vivendo as relações entre ele (assessor) e o governo assessorado. É relatado que seria impossível fazer uma campanha de alfabetização de adultos promovida por um governo antipopular e a colaboração não pode ser uma invasão disfarçada, tem que ser um terreno comum entre ambos.

Os “Cadernos de Cultura Popular” vem sendo usados pelos educandos como livros básicos, que na alfabetização ou na pós-alfabetização, não são cartilhas em seu sentido lato, nem manuais no seu sentido amplo, com exercícios ou discursos manipuladores. Estes cadernos é um nome genérico que vem sendo dado a esta série de livros de que o primeiro é o da alfabetização. Este primeiro caderno é composto de duas partes, sendo a segunda, uma introdução à pós-alfabetização. Como reforço a este primeiro caderno, há outro caderno de exercícios, chamado “Praticar para Aprender”.

O segundo caderno com a qual se inicia ou se pretende iniciar a pós-alfabetização é um livro de textos escritos em linguagem simples, jamais simplistas, que trata de uma temática ampla e variada, ligada toda ela, ao momento atual do país. O que pretende com estes textos é que agucem a curiosidade crítica dos educandos e não sejam lidos mecanicamente. Os cadernos não são livros neutros, nem manipuladores, eles estimulam o educando a participação crítica e democrática no ato de conhecimento de que são também sujeitos. É preciso na verdade que a alfabetização de adultos e na pós-alfabetização a serviço da reconstrução nacional, contribuam para que o povo, tomando mais e mais a sua história nas mãos, se refaça na feitura da história e no reverso da história. Para se fazer uma história mais consciente é estar presente nela e não simplesmente estar representado.

Na etapa da alfabetização o que se pretende não é uma compreensão profunda da realidade que se está analisando, mais desenvolver e estimular a capacidade crítica dos alfabetizandos enquanto sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser reconhecido. É exatamente a experiência sistemática desta relação é importante.

O livro toma outro contorno. Na segunda parte fala de “praticar para aprender” composta de duas codificações (duas fotografias) – primeira de uma das lindas enseadas de São Tomé, como um grupo de jovens nadando, escrito ao lado “é nadando que aprende a nadar”; a outra figura, numa área rural, com um grupo de jovens trabalhando, escrito ao lado “é trabalhando que se aprende a trabalhar” e no fim da página está escrito “praticando aprendemos a praticar melhor”.

Existem espaços em branco como um convite aos alfabetizando para que se arrisquem a escrever. Enquanto o primeiro tinha sido concebido como

um auxiliar do alfabetizando, reforçando o primeiro caderno na fase de alfabetização, e o segundo caderno fora pensado como um livro básico da primeira etapa da pós-alfabetização. Com o tempo se percebeu que este último papel caberia ao caderno de exercícios, enquanto que o segundo caderno passaria a ser usado num nível mais adiantado da pós-alfabetização ao lado de outros cadernos.

Na introdução dos cadernos “cultura popular” e no “caderno de exercícios” aprende a ler na prática da leitura, a escrever na prática da escrita. Além de aprender a ler e escrever não é decorar “bocados” de palavras para depois repeti-los.

O ato de estudar mostra que diante das circunstâncias diárias devemos procurar compreender o problema que tem que resolver, para em seguida, encontrar uma resposta precisa. Não se estuda somente na escola. Podemos estudar enquanto trabalhamos por exemplo. Estudar é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema em seu primeiro ato. No segundo ato mostra que não importa que o estudo seja feito no momento e no lugar do nosso trabalho ou em outro local. Em qualquer caso, o estudo exige sempre essa atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos que observamos. Estudar exige disciplina é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem. O ato de estudar, de caráter social e não apenas individual se dá aí também, independentemente de estarem seus sujeitos conscientes disto ou não.

Em reconstrução nacional o autor mostra que qualquer reconstrução nacional é um esforço no qual o nosso povo está empenhado para criar uma sociedade nova. Uma sociedade de trabalhadores. Numa reconstrução nacional exige de nós – unidade, disciplina, trabalho e vigilância.

No texto sobre o trabalho e a transformação do mundo mostra que é trabalhando que os homens e as mulheres transformam o mundo e transformando o mundo se transformam também. O trabalho criador dos seres humanos é cultura. O trabalho que transforma nem sempre dignifica os homens e mulheres. Só o trabalho com o qual estamos contribuindo para a criação de uma sociedade justa, sem exploradores nem explorados e que nos dignifica.

A luta pela libertação é uma luta pela liberdade na educação. A independência resultou da luta dura e difícil da quais todos participaram como povos oprimidos buscando a libertação. Cada um desses povos travou uma luta que pode lutar e que a soma das lutas derrotou os colonialistas. Estas lutas contra o sistema de exploração colonialista, contra o imperialismo, contra todas as formas de exploração. A reconstrução nacional é a continuação desta luta para a criação de uma sociedade mais justa. A reconstrução nacional significa a criação de uma sociedade nova, uma sociedade de trabalhadores e trabalhadoras, sem explorados nem exploradores. O surgimento da sociedade

nova não resultam um ato mecânico, não aparece por decreto ou automaticamente, e o parto que é um processo é sempre mais difícil e complexo do que simples e fácil.

Esta luta pela libertação tende a fazer uma nova perspectiva de uma sociedade nova. Mas é necessário também trabalhar, transformar a sociedade velha que ainda tem.

E ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Estudar para servir o povo não é só um direito, mas também um dever revolucionário.

Há uma diferença entre trabalho manual e trabalho intelectual. Trabalham porque fazem muito mais do que cavalos que puxam o arado a serviço do homem. Trabalham porque se tornam capazes de prever, de programar, de dar finalidades ao próprio trabalho. No trabalho o ser humano usa o corpo inteiro. Usa as suas mãos e a sua capacidade de pensar. O corpo humano é um corpo consciente. Por isso, está errado separar o que se chama trabalho manual do que se chama trabalho intelectual.

Existe uma prática que nos ensina. Não podemos duvidar de que a nossa prática nos ensina. E que conhecemos muitas coisas por causa da nossa prática. Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Mesmo antes de aprender a ler e escrever palavras e frases, estamos “lendo”, bom o mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos da nossa prática não basta. E é preciso ir além dele, conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos.

Existe ainda um processo produtivo onde os seres humanos, com seu trabalho, transformam as matérias brutas, fazendo com elas matérias primas. Ambas as matérias se chamam objetos de trabalho. Para transformar a matéria bruta em matéria prima e para produzir algo com a matéria prima, precisamos de instrumentos. De máquinas, de ferramentas e de transporte. São chamados de meios de trabalho. O conjunto de matérias e os meios se chamam de produção. Os meios de produção e os trabalhadores constituem o que se chama forças produtivas de uma sociedade. A produção resulta da combinação entre os meios de produção e a força de trabalho. A reconstrução nacional se dá em uma sociedade em que as relações sociais de produção já não são de exploração, mas de igualdade e colaboração entre todos.

Encontramos ainda uma análise da ação de transformar. Reorganizar a sociedade velha para transformá-la para criar a nova sociedade não é fácil. A nova sociedade vai surgindo com as transformações profundas que a velha sociedade vai sofrendo. Todos os povos têm culturas, tradições e costumes que transformam o mundo e ao transformá-lo também se transformam. Cultura

é também a maneira que o povo tem de cuidar, andar, sorrir, falar, cantar enquanto trabalha. Cultura são os instrumentos que o povo usa para produzir e é a forma como o povo entende e expressa o seu mundo e como o povo se compreende nas suas relações com o seu mundo.

Há uma defesa desta cultura. A nova cultura que será criada aproveitará os aspectos positivos das tradições, banindo todos os aspectos negativos da mesma. Naturalmente não irá fechar as portas às influências positivas das culturas estrangeiras. Estará aberta à cultura de todos os outros povos, mas preservando sempre o seu cunho nacional.

O pensar certo, correto, significa procurar descobrir e entender o que se acha mais escondido nas coisas e nos fatos que é observado e analisado. Procurar desafiar e isto significa não só chamar para a luta, mais também problematizar, estimular, provocar o pensamento. A reconstrução nacional exige uma participação consciente e isso, em qualquer nível da reconstrução nacional, exige ação e pensamento. Exige na prática e teoria sempre em unidade. Pensar certo é descobrir a razão de ser dos fatos e aprofundar os conhecimentos que a prática nos dá não é privilégio de alguns mais um direito que o povo tem, numa sociedade revolucionária.

A avaliação do ensino, leitura, escrita não será possível sem a análise de avaliação da prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que se procura ao querer alcançar com a prática. A avaliação da prática revela acerto, erros e imprecisões, corrige a prática, melhora e aumenta a eficiência. O trabalho de avaliação jamais deixa de acompanhá-la. A reconstrução nacional precisa que o povo conheça mais e melhor a realidade e precisa preparar-se para dar a solução aos problemas. Devem examinar constantemente os avanços que estão dando e procurar vencer as dificuldades que encontram.

A prática deve ser planificada. A prática exige planejamento, isso significa ter uma ideia clara dos objetivos que pretende alcançar, significa ter o conhecimento das condições que irá atuar e dos instrumentos e meios que se tem. Saber com quem podemos contar para executar. Prever prazos, os diferentes momentos de ação. O planejamento pode ser em curto prazo, em médio prazo e em longo prazo. Às vezes os objetivos são corretos, mas os meios não foram os melhores.

Assim nos deparamos com um homem novo e uma mulher nova. Estes vão nascendo na prática de reconstrução revolucionária da sociedade. O compromisso com a causa do povo, a responsabilidade no cumprimento do dever, o sentido da solidariedade, não somente com o povo, mais com todos os que lutam pela libertação, e estas são as características do homem novo e da mulher nova.

O homem novo, a mulher nova está inserida numa nova forma de educação. Uma das qualidades mais importantes do homem e da mulher nova é a certeza que tem de cedo e de novo vai ficar velho se não se renovar. A educação tem que ser nova também, uma educação pelo trabalho que estimule a colaboração e não a competição que de valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva a criatividade e não a passividade, que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria, entre o trabalho manual e intelectual, que não favoreça a mentira, as ideias falsas e a indisciplina. Uma educação política, que não tenta passar por neutra.

NOTA

Livro: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 13 ed., 1986. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v.4).